



Treze contos para estar sozinho

Solidão e outras companhias, de Márwio Câmara

Licia Rebelo de Oliveira Matos*

Entre gatos, filmes e canções se desenrolam os mundos criados por Márwio Câmara em *Solidão e outras companhias* (2017). Solidão existe ali, mas não só. Embalada por referências a solidões mais antigas, como as de Ingmar Bergman, Clarice Lispector e Ella Fitzgerald, ela pede passagem e se coloca como companheira dos eus de cada conto do livro, dividido em três partes: “Nós”, “Vós” e “Sós”.

Jogando com a sedução da ficção-realidade ou simplesmente escrevendo com o corpo que lhe cabe, o autor – “escritor, jornalista e crítico literário”, segundo definição própria – parece se colocar em grande parte das narrativas, a maioria delas escritas na primeira pessoa. Não despropositadamente, suscita, com isso, certa curiosidade a respeito das histórias e personagens que dali surgem.

Madame Bovary, por exemplo, a travesti suicida apaixonada por literatura que aparece no último conto, intitulado, sem surpresa alguma, “Solidão”, é uma dessas figuras curiosas sobre quem vale a dúvida: existiria mesmo uma prostituta na Lapa vinda de Pernambuco, ex-atriz pornô e leitora de Flaubert, Machado e Eça? A história da moça, como a de tantas mulheres transgênero marginalizadas e relegadas à prostituição, inspira identificação, interesse, ternura.

* Doutoranda em Literatura Portuguesa na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

Emma Bovary da Lapa, assim como a personagem do realismo francês, comandou a própria vida, fez do corpo um meio de libertação e, à custa de deparar-se com o cruel mundo dos homens, conheceu também um pedaço de autonomia. O peso da vontade pouco a distingue de qualquer um de nós, segundo o próprio narrador: “Assim como Emma Bovary resolveu criar o seu mundo particular para fugir do tédio do seu casamento, acredito que muitas pessoas acabam criando seus mundos particulares para dar à própria existência uma sensação mais única” (p. 85).

Em outra janela, um namoro findo recentemente perturba o narrador com lembranças ligadas à música, às artes plásticas e a performances sexuais ultraidealizadas. No conto “A chuva que me lembra dela”, duas perspectivas narrativas apresentam a mesma história: um casal semiatriz-semicineasta, por trás de incansáveis referências a cenas românticas do cinema e canções célebres de amor, vive um relacionamento de dia de semana que tem como cenário as ruas e interiores do Rio de Janeiro. O conto é escrito num registro híbrido entre a narrativa em primeira pessoa e o roteiro de cinema ou TV, contando com pausas para inserção da trilha sonora escolhida pelo autor: “Falemos então de como Amanda e eu nos conhecemos. Música! ‘When you’re smiling’, Billie Holiday” (p. 29). No conto mais longo da obra, clássicos do jazz e da bossa nova dão o tom intelectual sexy do namoro que terminou e seguem tocando como uma melodia que não sai da cabeça, uma fossa difícil de superar.

Rodeada de figuras femininas, a prosa de Márwio Câmara traz personagens inusitadas. Além da já citada Madame Bovary da Lapa, chama atenção o conto de uma página só que traz como protagonista a gata Virginia, uma das companhias solitárias do livro. Bicho com nome de mulher, ela, que intitula o conto, com seu corpo

silencioso em movimento e pausa, preenche o tempo de uma espera no fim de um dia de trabalho – o narrador-autor, afinal, é sobretudo um trabalhador. Virginia, de vigília, é presença felina em compaixão do outro, olhos atentos na noite, substituindo, com sua matéria corpórea, a tela acesa de um smartphone, a que nos acostumamos a chamar de companhia. No fim, uma breve despedida e a certeza de uma amizade contínua: “Entro no carro. Da janela, vejo Virginia a olhar o veículo que, pouco a pouco, se distancia. Em breve nos veremos. Amanhã. Obrigado, Virginia” (p. 14).

Mas, se toda mulher é reflexo de uma, no conto “Livros” é sobre a primeira delas que se vai falar. A mãe é protagonista das memórias do narrador, que se vale do item explícito em seu título como pretexto para voltar a um passado de desequilíbrio e abandono. Acometida pela esquizofrenia, a primeira e maior referência do filho – “uma espécie de deusa, rainha, sereia ou a própria Virgem Maria. Enfim, um indivíduo sobre-humano” (p. 15) – acaba por provocar o caos na casa familiar, à medida que a loucura a leva a comprar e acumular cada vez mais livros, que se tornam o centro de sua vida.

Contrapondo a intelectualidade à lucidez, quando o excesso de uma incorre na falta da outra, o conto leva a pensar nas violências que a busca incansável pelo crescimento intelectual pode causar. A todo o tempo pluralizados na narrativa, os livros perdem a aura de infinitude que seu interior textual pode suscitar e ganham o *status* reducionista de simples objetos. Deixam de representar literatura para ser apenas matéria, espaço ocupado, lixo: “A casa era invadida cada vez mais por livros e livros. Velhos, novos, corroídos por traça, sujos com cocô de mosca e de barata, sem pedaços de página e, muitas vezes, mofados. Havia livros de todo tipo, inclusive, muita porcária” (p. 16).

Manifestar, explicitar, denunciar essa degradação a que se presta o conhecimento (o objeto livro) quando não administrado cautelosamente, aliada à degradação do sujeito que o consome (a mãe que sempre fora estudiosa), é, sem dúvida, um ato de coragem do autor, ao registrar tudo isso também num livro. Brincando com a relevância dessa plataforma de leitura que é, ao mesmo tempo, uma entidade indestrutível e um item com alto potencial de deterioração, Márwio Câmara põe em xeque o livro como objeto sagrado e se coloca, sem medo, na roda do possível repasse comercial: “E, como renda extra, passamos a vender livros pela internet e para amigos. Logo mais enviarei aos correios o exemplar de *Mademoiselle Cinema*, de Benjamin Costallat; e *Presença de Anita*, de Mário Donato, à cliente Renata KY. A vida tem dessas coisas. A minha, muitos livros” (p. 17).

Diverso e atual, *Solidão e outras companhias* traz uma prosa simples e despreziosa, que acaba falando muito sobre as coisas de todos os dias, que nem sempre aparecem nos livros. Com um toque de melancolia e riso de si mesmo, Márwio Câmara se coloca como uma fiel companhia, uma boa conversa de amigo para o leitor que recebe em suas mãos os treze contos que compõem seu livro de estreia.